

## 2008 - Temos de ser o escárnio da Comunidade?

Temos de ser o escárnio da Comunidade?

por: Eugénio Costa Almeida©

O continente africano é, ou pelo menos assim está referenciado, como o continente-mater da Humanidade. Isto poder-lhe-ia incutir a ideia que já é um continente velho, muito maduro, quase antropologicamente senil. Mas a realidade diz-nos que África é um continente jovem, imaturo, inconstante e, não poucas vezes, irreverente como se quer a um jovem vivo e feliz.

Só que, apesar disso, África diz-nos, também que, mais que uma criança rebelde em fase de crescimento, se comporta como uma criança mimada, estúpida, inconveniente, imbecil e feitor das coisas mais absurdas e néscias que poderemos imaginar acabando, não poucas vezes &ndash; demais até &ndash; por nos considerarem como o centro do escárnio e, às vezes, a escória da Comunidade Internacional.

E somos nós que damos as balas à tal Comunidade com que nos alvejam com aqueles epítetos. E, senão, vejamos: Há quantos anos mantemos um Corno de África política e socialmente instável, paupérrimo, ninho de piratas internacionais sem que consigamos unir aos efémeros esforços da União Africana as vontades políticas dos países africanos para criarem uma força militar que ponha fim àquele cancro no Índico?

Se o anterior é, socialmente, um dos maiores carcinomas de África, o que dizer de Darfur e da evidente incapacidade africana em fazer frente a uma escória que sob o signo do petróleo e do xenofobismo mata compatriotas e impede que a Comunidade Internacional &ndash; mais preocupada em defender os seus interesses económicos (petróleo) que impor sanções &ndash; de salvaguardar os interesses sociais das populações sudanesas da região?

Como podemos admitir a acusação, quase comprovada, de que um dos nossos membros é uma plataforma no tráfico de droga entre a América Latina e a Europa e os EUA e, segundo afirmam alguns dos seus cidadãos e a própria ONU, tem o beneplácito e a cobertura de personalidades afectas ao poder civil e militar, auferindo estas personalidades de grandes massas monetárias alardeadas em vistosas viaturas e faustosas vivendas enquanto o povo vai penando com falta de combustível, não pagamento de vencimentos há meses largos?

Como aceitar que o país do arco-íris que transitou de um ignóbil Apartheid para o multiculturalismo possa, agora e ao fim de quase dez anos e em vésperas de um Mundial de futebol, se transformar no maior centro de xenofobismo em África? Como aceitar que líderes africanos continuem a ser acusados de manterem enormes fortunas em offshores estrangeiras, resultantes de absurdas comissões auferidas em negócios pouco claros, enquanto os seus povos &ndash; e isto também se verifica em países potencialmente muito ricos, como lembrou Bob Geldof, recentemente, &ndash; estão entre os mais carenciados economicamente, sanitariamente, socialmente e, pasme-se, ou talvez não, penam por um naco de comida?

E, finalmente, mas não definitivamente porque se fossemos analisar todos os casos que acontecem os casos mais socialmente abjectos, provavelmente o jornal teria de os colocar desde a primeira à última página, como poderemos continuar a admitir que um antigo herói e líder africano imponha a sua senilidade, prepotência e autoritarismo não só a um povo sofrido e desejoso da democracia e do desenvolvimento económico que já usufruiu e lucrou, mas a toda uma região afro-austral e continental com o absurdo e tácito mutismo com que alguns líderes da região vêem a situação no Zimbabué?

Porque enquanto Angola e África do Sul mantiverem a sua disputa diplomática junto dele, que enquanto Moçambique, em vez de fechar a corrente aumentar o fluxo eléctrico da barragem de Cahora Bassa, Mugabe sabe que o poder nunca deixará de ser dele. E quando este artigo for publicado já se saberá se a subserviente CNE zimbabueana acabou por acatar as recomendações da Comunidade Internacional ou não. Ou seja, já se saberá se Mugabe continua no poder para gáudio dos seus seguidores e da sua &ldquo;extremosa&rdquo; esposa que gastou milhares de dólares na Europa enquanto o seu povo procura refúgio em embaixadas, foge de energúmenos ou é chacinada em nome do emprego na vizinha África do Sul.

E enquanto isto acontecer e a União Africana der mostras de uma contínua e sistemática inoperância África continuará a ser olhada como o escárnio da Comunidade Internacional. Pois, escarnecem, mas nada fazem nem nada querem fazer. Porque enquanto houver corruptos à frente dos destinos dos nossos países, enquanto houver muita matéria-prima quase gratuita para explorar no continente africano, haverá sempre uma África risível e reflectidamente servil!©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed. nº. 172, de 5-Julho-2008,

(<http://www.correiodasemana.info/spip.php?rubrique10>) ou (<http://www.correiodasemana.info/spip.php?article374>)